

Frantz Fanon: a violência colonial e a resistência intelectual a partir do documentário concerning violence

Frantz Fanon: colonial violence and intellectual resistance from the documentary concerning violence

Ricardo Aguielo Aquixinco Gomes Cá

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ritchasgomes@gmail.com / ritchasgomes@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-8400-2728>

Resumo: O presente artigo analisa a partir do documentário *Concerning Violence*, as imagens da violência colonial e a contribuição de Frantz Fanon nos processos históricos coloniais e nas práticas de resistência negra. O documentário tece abordagem sobre a violência, e problematiza o processo da questão do gênero entre os colonizadores e colonizados no período das guerras da libertação da independência. Diante de caráter atual, o pensamento de Fanon visa questionar a dialética do capitalismo, do colonialismo e do racismo, assim como, descolonizar as mentes, e, sobretudo, reconhecer as identidades africanas. Como referencial teórico o artigo dialoga, entre outros, com Frantz Fanon ([1961] 2010), em suas reflexões sobre os vícios coloniais na formação nacional; bell hooks (2019), Leila Gonzalez (1984) e Sueli Carneiro (2011), em suas reflexões sobre problema da população negra, bem como, nas suas ideologias do branqueamento e seus efeitos na exposição do corpo negro, geralmente sendo discriminada pelo racismo.

Palavras-chaves: Frantz Fanon; violência colonial; resistência intelectual; concerning violence.

Abstract: This article analyzes, from the documentary Concerning Violence, the images of colonial violence and the contribution of Frantz Fanon to colonial historical processes and black resistance practices. The documentary focuses on violence and problematizes the process of gender issues between colonizers and colonized people during the wars of liberation and independence. Given its current nature, Fanon's thought aims to question the dialectics of capitalism, colonialism and racism, as well as decolonize minds, and, above all, recognize African identities. As a theoretical reference, the article dialogues, among others, with Frantz Fanon ([1961] 2010), in his reflections on colonial vices in national formation; bell hooks (2019), Leila Gonzalez (1984) and Sueli Carneiro (2011), in their reflections on the problem of the black population, as well as in their ideologies of whitening and its effects on the exposure of the black body, generally being discriminated against by racism.

Keywords: Frantz Fanon; colonial violence; intellectual resistance; concerning violence.

Introdução

Ó meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona. (Frantz Fanon)

O processo histórico da colonização mesclado com tráfico intercontinental de africanos escravizados complexificou as interações raciais, da mesma forma, que as construções sociais da raça estão vinculadas aos significados das diferenças e das práticas da exclusão. Neste artigo, buscamos compreender como as práticas de resistência propõem uma reflexão sobre as marcas da colonização atribuída às identidades inferiorizadas. A desalienação do homem negro, daquele que sonha na transformação do branco, daquele que, foge para escapar da sua condição de inferioridade, procura rejeitar a sua negritude, implica a sua tomada de consciência, a libertação do negro e de si

mesmo, libertação essa que passa pela resistência e afirmação do “eu” do colonizado, que é perseguido, anulado pelo colonizador.

Por outro lado, o objetivo deste estudo visa sistematizar uma revisão bibliográfica que acompanha uma determinada reflexão crítica sobre o filme intitulado *Concernem Violence*, um filme baseado no livro *Os Condenados da Terra*¹, de Fanon, e que tem como realizador o sueco Hugo Olsson Goran, [que fez uma compilação de reportagens da época da luta pela libertação do colonialismo, nos anos 60 e 70 em África] para mapear as intrínsecas relações entre o imperialismo, o colonialismo e o capitalismo, e como tais relações forjaram uma epistemologia que foi utilizada para impor a violência e justificar os abusos cometidos em solos colonizados.

A Pobreza absoluta, racismo, exploração de recursos naturais, de petróleo e diamantes, trazem as imagens da violência dos opressores e colonizadores. E o realizador sueco posiciona-se ao lado de Fanon para analisar as consequências da violência e a explicar de que forma é que, nos contextos colonialistas e das ex-colônias portuguesas, a violência surge como a única via para a independência, para a libertação, para o fim da opressão.

Neste sentido, partimos da experiência e do pensamento de Frantz Fanon e de outros intelectuais negros, para buscar descortinar a epistemologia ocidentalizada dominante e também para entendermos como as críticas iniciadas por tais autores podem nos auxiliar no processo histórico da descolonização [uma realidade vivida no sul global.

A emergência das linhas abissais: uma análise a partir do documentário Concerning Violence

O documentário *Concerning Violence* é um filme documentário lançado em 2014 pelo diretor sueco Goran Hugo Olsson. E foi realizado a partir dos arquivos da televisão sueca que retrataram os processos de

¹ FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Froa: Editora UFJF, [1961] 2010.

descolonização da África, entre as décadas de 1960-80, tendo como base o texto *Os Condenados da Terra* (publicado em 1961), do intelectual e militante antilhano Frantz Fanon², ou seja, este filme documentário visa questionar o que é considerado violência no contexto colonial, e, sobretudo a permanência do colonialismo após as independências.

O documentário remete à estrutura de um livro, pois inicia-se com prefácio-falado pela intelectual indiana Gayatri Chakravorty Spivak no qual são apresentados dados biobibliográficos do autor.

Em relação ao conteúdo do prefácio, podemos destacar quatro assuntos principais sobre a violência. Primeiro trata-se de algumas informações biográficas de Fanon e suas ideias principais no que diz respeito à luta contra o colonialismo. Segundo aponta o olhar de Fanon sobre a luta anticolonial a partir da visão global do mundo e, não somente, a partir da formação de novo Estado-nação dentro da mesma lógica de dominação e de opressão europeia. Em seguida, Spivak defende a ideia da violência exposta por Fanon. Segundo ela, Jean-Paul Sartre, estava equivocado ao criticar e caracterizar a obra de Fanon como sendo apenas um “aval a violência em si”. Neste sentido, a autora argumenta que, para Fanon, a violência do oprimido contra opressor era o último recurso do colonizado, pois já havia várias tentativas de negociação para a possibilidade de libertação, mas foi rejeitado pelos colonialistas. Por último, ela tece uma breve crítica a Fanon e ao demais porta-vozes da causa anticolonial que não deram atenção a questão do gênero, uma vez que, a explorar ação e a opressão contra a mulher eram presentes entre colonizadores, bem como entre os colonizados, nas próprias

² Frantz Fanon nasceu na Martinica, em 1925, território caribenho ocupado pela França em 1635, mas só foi anexada oficialmente pelo reino em 1674. Filho de família de classe média, estudou no Liceu de Fort France, onde foi aluno de Aimé Césaire, na qual puderem conviver um “ambiente estimulante intelectual e politicamente” (MATA, 2015, p. 10). Durante a Segunda Guerra Mundial, juntou-se às Forças Aliadas para combater a Alemanha nazista, onde o serviço militar lhe concedeu uma bolsa de estudos na França e lá oportunidade de formar em psiquiatria (MATA, 2015, p. 11).

linhas de combate durante o período da guerra colonial, na qual as mulheres combatentes de ambos os lados eram vítimas de assédios e de estupros.

Além disso, o documentário apresenta a relevância da contribuição de Fanon e como ele recusa a observar o colonialismo como um processo que os europeus encararam como missão de levar o progresso e a civilização aos africanos, mas o entende como uma violência constituída no racismo. Para tanto, Fanon (1961), entende a descolonização como a substituição de uma “espécie de homens por outra “espécie” de homens”. Isto é, nela há uma transição/substituição total, completa e absoluta, ou seja, Fanon recusa a enxergar o colonialismo como um evento no qual povos europeus encararam a missão de levar o progresso e a civilização para África, mas sim, entende o colonialismo como a violência constituída no racismo. Podemos observar isto numa das frases a que foi escolhida para iniciar o documentário:

O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado bruto e só pode inclinar-se diante de uma violência maior. [...] A necessidade dessa mudança em estado bruto, impetuoso e constrangido, se desenrola debaixo do signo da violência e a sua coabitação, mais precisamente a exploração do colonizado pelo colono. Mas a possibilidade dessa mudança com tal característica é experimentada no formato de um futuro aterrorizante na consciência de outra “espécie” de homens, os colonizadores. Portanto, a reação dos colonizados é demonstrada por meio da força, já que o homem colonizado se liberta *em* e *pela* violência (FANON, 1968, p. 46).

De acordo com a nossa análise, compreendemos que o documentário procura uma dimensão atemporal, uma provocação baseada nas imagens, nas realidades onde há persistência de vivências coloniais e nas críticas ao eurocentrismo identificados na contemporaneidade, ou seja, registros visuais consistem em imagens que captam a transformação impostas em África pelas revoluções e as independências. São apresentados, “as nove cenas de

autodefesa anti-imperialista”, na qual as imagens demonstram o cotidiano de colonizados e colonizadores em plena guerra colonial. Em sintonia com aquilo que era a posição neutra da Suécia, fora da NATO e de apoio às independências em África, o filme *Concerning Violence*, mostra cenas das lutas da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), assim como, a guerra da luta arma enfrentada pelo Partido Africano para Independência da Guiné- Cabo-Verde e as declarações do líder da Guiné-Bissau e Cabo-Verde, Amílcar Cabral. Mostra também o líder da independência de Burkina Faso, Thomas Hugo Olsson Goran tenta entender a dinâmica da violência, na perspectiva do colonialismo, olhar para a África de maneira geral e refletir sobre atual forma de domínio colonial, o neocolonialismo. O cineasta está preocupado com essa nova realidade vivida pelos países africanos. O neocolonialismo nos dias de hoje é mais eficiente que na época das colônias.

Naquela época as grandes indústrias tomavam as matérias primas e as transportavam para fora da África e em retorno não deixavam nada importante em matéria de hospitais, escolas, mas criavam os serviços de polícia para lhes garantir a segurança, construía escolas para os assimilados, hoje em dia nos países africanos se vê um roubo das matérias primas em grande escala transportado à Europa pelos próprios nativos, em contrapartida a maioria da população estão sofrendo com problemas estruturais de longa duração, como a pobreza, o racismo, a falta de exercícios ativo de liberdade e a indiferença às questões de gênero.

Nessa situação, a reflexão de Fanon visa uma chamada de atenção no sentido de que os colonizados utilizassem o que próprios colonizadores haviam desenvolvido e o subvertesse, consoante os interesses daqueles que haviam sido colonizados e escravizados. Nisto, ele está em sintonia com grandes líderes como Amílcar Cabral e Nelson Mandela.

As imagens são cadenciadas pela voz de Lauryn Hill, cantora e atriz negra norte-americana que lê o texto do primeiro capítulo do livro *Os Condenados da Terra*, denominado: *Da Violência* e da sua conclusão. A primeira cena intitulada: *Decolonisation: with MPLA in Angola*, ou seja, *Descolonização: com o MPLA em Angola*, aborda o sucesso de ataque do Movimento Popular de Libertação de Angola ao Exército Português, em

1974. Em seguida, aparecem as imagens das pessoas brancas jogando golfe enquanto as negras estão carregando os equipamentos da guerra. A segunda cena nomeada: Indifference (o que quer dizer Indiferença) expõe a entrevista conduzida em Estocolmo, no ano de 1970, com grande pensador e intelectual da antiga Rodésia, atual Zimbábue, refletindo sua experiência de homem negro no cárcere. Ao argumentar sobre esta questão destacou que não vê diferença em sua vivência na prisão e a criminalização de outros homens negros que lutam por igualdade em diferentes partes do mundo, tanto Na África do Sul e quanto nos Estados Unidos.

No livro *Pele Negra, máscaras brancas*, Fanon menciona choque cultural, onde a criança francesa branca grita para a sua mãe: “Mamãe, olhe o negro!” Ao assistirmos, o documentário, hoje em dia, nós nos lembramos da cena em que os combatentes da liberdade da pátria africanos, evocam a liberdade dos africanos nos seus respectivos países, fronteiras estabelecidas pelos imperialistas.

A colonização trata-se de uma lógica gananciosa de acumulação de capital, na qual permite o racismo já existente disseminar-se nos mercados em nome da civilização, modernização ou da globalização, de modo que acontece hoje em dia nas zonas abissais³. De forma mais ampla, podemos perceber que a modernidade ocidental só poderá alastrar-se na medida em que viole todos os princípios sobre os quais faz-se assentar a legitimidade histórica do paradigma da regulação/emancipação do colonizado. E com isso, vê-se que os Direitos humanos são desta forma violados para poderem ser defendidos, a democracia é destruída para garantir a sua salvaguarda, a vida também é eliminada em nome da sua preservação. Portanto, as zonas abissais/colonizados são traçadas no sentido de definir as fronteiras como vedações e campos de morte, dividindo-as entre as cidades em zonas civilizadas e zonas selvagens, entre prisões de detenção legal e locais de destruição da vida brutalmente, tomando como o exemplo as guerras que atualmente acontecem na África.

³ Segundo Boaventura de Sousa Santos, zonas abissais trata-se da segregação social dos excluídos por meio de uma cartografia urbana dividida em zonas selvagens e zonas civilizadas.

A descolonização, que se propõe a mudar a ordem do mundo, é, obviamente, um programa de desordem completa. Por isso, ela não pode ocorrer por meio de um choque natural, e nem de um entendimento amigável. A violência que dominou a ordem do mundo colonial, que tem incessantemente o ritmo da destruição das formas sociais, isto é, usos e costumes dos povos colonizados, essa mesma será reivindicada e assumida pelo homem dessa sociedade, no momento em que ele decide incorporar a história em sua própria pessoa.

Segundo Fanon (2008), o homem negro só existiria pela presença do homem branco; e à vista disso, o ser negro é caracterizado como irracional, antiestético, sem valores morais ou éticos, propenso à criminalidade. Ainda ele ressalta que, o negro tem suas religiosidades associadas com o mal e é desprovido de história anterior à colonização.

Em outros termos, podemos afirmar que a culpa constante que o colonizado sente, isto é, a inferiorização ao qual ele está regularmente submetido, tem a ver com a história que sempre é contada pelos vencidos, tudo isto faz com que alguns países africanos decidiram tomar parte na luta pela sua libertação. Essa irritação é canalizada com base na caracterização da rejeição em termos culturais, religiosas, ou até mesmo na violência. Por isso, o filme *Violence Concerning* tanto quanto a obra de Fanon nos convida a refletir e ao sermos engajados, principalmente (aos partidos políticos e intelectuais a reverem) seus meios e táticas, para uma boa forma da organização da sociedade. Portanto, dentro do cenário da luta no mundo colonial, Edward Said nos convida ter o desejo de ser intelectuais, isto é, aquele tem:

O dever do intelectual é mostrar que um grupo não é uma entidade natural ou divina, e sim um objeto construído, fabricado, às vezes até mesmo inventado, com uma história de lutas e conquistas em seu passado, e que algumas vezes é importante representar (SAID, 2005, p. 44)

Nesse contexto, para Said, o intelectual deve assumir essa função crítica, uma vez que teria a tendência de ver as coisas não como elas são/estão,

mas sim, isso significa observar “as situações como contingentes e não como inevitáveis” (SAID, 2005, p. 67-68), a fim de encará-las enquanto solução de uma “série de escolhas históricas feitas por homens e mulheres, como fatos da sociedade construída por seres humanos e não como naturais ou ditadas por Deus e, por consequência, imutáveis, permanentes, irreversíveis (*idem*).

Na ocupação colonial a soberania se constituiu de modo irrestrito no poder de morte, “na capacidade de decidir quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2011, p. 19). Ali, a noção de raça tornou-se como a “sombra” do pensamento e das práticas políticas ocidentais e serviu de cunho para uma vivência de dominação total (MBEMBE, 2011, p. 22).

O documentário analisado também nos chama atenção para realidade atual e também propõe uma reflexão acerca do desfecho dos processos de independência nos países africanos. Intui-se, a partir dos noticiários e do que informa a “história única” sobre a África (ADICHIE, 2009), que não conseguiram levar a cabo os conselhos de Fanon a respeito da constituição de um modelo próprio de sociedade e não a imitação de modelos europeus, ou seja, uma verdadeira descolonização. Além disso, o documentário apresenta uma paisagem de relações coloniais que parecem seguir na atualidade. Buscou-se demonstrar que a violência, desde sua origem enquanto disciplina, esteve atrelada à noção de racismo. A experiência colonial nos oferece uma análise a respeito das desigualdades baseadas na raça. Portanto, o pensamento de Frantz Fanon se localiza no colonialismo, uma vez que trouxe elementos indispensáveis para a compreensão da sociedade contemporânea.

O discurso colonial se estrutura na demarcação das diferenças, em uma dinâmica maniqueísta na qual a inferiorização do colonizado negro implica, necessariamente, a valorização do colonizador/do branco apoiando assim a diferença do “Outro” e no repúdio de si mesmo. De acordo com Homi Babha, “o discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um outro e ainda assim inteiramente apreensível e visível” (BABHA, 1998, p. 111).

Para Fanon (1952), se o negro se encontra submetido a esse ponto pelo “desejo” de ser branco, é porque vive numa sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, numa sociedade que arma a superioridade de uma “raça”, que não é a sua. Na medida exata em que essa sociedade lhe

causa dificuldades, ele é colocado em uma situação neurótica. Isso porque o sistema colonial estabelece os padrões de ser humano, como por exemplo: ter cabelos lisos, nariz fino e assim por diante. Fanon destaca que:

O branco está fechado na sua brancura e o negro, na sua negrura. Um fato real: há brancos que se consideram superiores aos negros. Outro fato: há negros que querem mostrar aos brancos a riqueza de seu pensamento e a igual potência de seu espírito, (FANON, 1952, p.10).

Por mais penosa que possa ser esta constatação, diz Fanon, estamos obrigados a fazê-la: pois para o negro, há um só destino, e esse é ser branco. O livro de Fanon procura nos alertar como a violência constitui a parte fundante da sociedade colonial, estando presente em todas as suas expressões materiais e simbólicas. Fanon, portanto, descreve a colonização como máquina que expõe os mecanismos geradores da alienação do sujeito no sistema. Nesse sentido, a descolonização é, em verdade, a criação de homens novos, homens estes que visam reexaminar a situação colonial. Isto porque, toda descolonização não passa despercebida, dado que afeta o ser, e modifica o ser, por isso, a sua definição encontra-se numa das frases mais conhecida: “os últimos serão os primeiros”, e isto pode ser relacionado a descolonização uma vez toda descolonização é um êxito.

O racismo se traduz também na designação do negro, que sempre é submetido à conotação ancestral da sua cor. “O negro sempre é colocado no lugar obscuro, nas sombras, nas trevas da noite e nas profundezas abissais, por isso, os condenados da terra (1961), demonstra como a “compartimentação” da sociedade colonial e racista gera, obrigatoriamente, uma linguagem racista. Segundo Léopold Sédar Senghor (1980), a negritude significa ter orgulho de ser negro em uma terra onde ainda prevalece o racismo, aliás, a negritude é uma certa vontade e certa maneira de viver os valores (p. 32). Portanto, é neste sentido, que a Bell Hooks reforça que “amar negritude”, para as pessoas significa “descolonizar as suas mentes, e, ao mesmo tempo, romper com o tipo de pensamento supremacista branco que insinua que somos inferiores, inadequados, marcados pela vitimização”, quer

dizer, geralmente concluem que somos punidos pela sociedade por ousar romper com o status quo, (HOOKS, 2019, p.58).

De acordo com o diretor Göran Hugo Olsson, o documentário busca uma dimensão atemporal, uma provocação sobre em que medida o texto de Fanon, as imagens e a crítica ao eurocentrismo podem ser identificados na contemporaneidade, ou seja, em que dimensão a obra de Fanon serve para a análise das relações raciais de hoje e como as imagens de *Concerning Violence* podem dizer algo sobre realidades das sociedades onde há persistência de vivências coloniais. Neste sentido, percebe-se que o racismo é uma estrutura hegemônica presente em vários setores da vida social, como também no espaço da produção política da diferença.

É importante lembrar que, ao ilustrar a violência colonial, o documentário possibilita a reflexão desta na contemporaneidade. Também este documentário proporciona um olhar crítico para realidade brasileira e não só, especificamente para os obstáculos no reconhecimento e no enfrentamento do genocídio da população negra.

No contexto brasileiro, podemos levar em consideração o que o filósofo político camaronês Achille Mbembe (2011) chamou de “necropolítica”, uma vez que a flexibilidade da soberania enquanto poder de morte se constituiu no colonialismo. Já em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, Lélia Gonzalez (1984) trata desses elementos constitutivos que estão inseridas no contexto da sociedade brasileira, quando ela afirma o seguinte:

Por aí se vê que o barato é domesticar mesmo. E se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem (Como é que pode?). Seguindo por aí, a gente também pode apontar para lugar da mulher negra nesse processo de formação cultural, assim como os diferentes modos de rejeição/integração de seu papel. (GONZALEZ, 1984, p. 226).

A autora ainda destaca duas questões relevantes: o primeiro diz respeito de como a nossa consciência entende o lugar da alienação, do esquecimento e do desconhecimento do saber, no qual o discurso ideológico está presente. O segundo trata da Memória, onde a gente considera o não-saber que se conhece, lugar de inscrições restabelecer uma história que não foi contada ou escrita, isto é, o lugar da emergência dessa realidade/verdade que se configura como arcabouço da ficção, acrescenta a autora :

Por isso, a gente vai trabalhar com duas noções que ajudarão a sacar o que a gente pretende caracterizar. A gente está falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioula, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena. E apela prá tudo nesse sentido. Só que isso ta aí... e fala. (GONZALEZ, 1984, p. 226-227).

O trecho apresentado acima permite avançar na reflexão sobre a colonização discursiva no meio acadêmico, uma vez que há uma ideia de que existe um predomínio discursivo-epistemológico em ambos os casos. Sendo assim, o conflito entre consciência e memória liga-se ao lugar da população

negra, no processo de formação cultural e os diferentes modos de rejeição/integração de seu papel na sociedade. Segundo a autora Liv Sovik (2019), na sua conferência de abertura intitulada: *Branquitude e Racialização: qual é o lugar de educação*, apresentada no Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, a autora afirma a branquitude como sistema de valores racializados, ou seja, a branquitude, como alguns preferem para afastar do termo de “negritude”, é a negação da humanidade dos negros, sendo assim, a valorização de ser branco se realiza na desvalorização do ser negro.

Achile Mbembe centraliza o seu raciocínio que nos parece dialogar de modo claro com as teses fundamentais que vão de Césaire a Fanon, isto é, a ideia de negritude que nega a dominação sobre as culturas africanas, tanto pelo poder imperial e quanto pelo poder colonial das culturas europeias, (LARANJEIRA, 1995, p 29).

Assumimos deste modo, com Ania Loomba que o “discurso colonial nos estudos pós-coloniais, se depreende com o colonialismo, sendo que, ele indica um novo modo de pensar o processo cultural, intelectual, econômico e político, modo esse em que tais processos são perspectivados segundo um conjunto elaborado na formação, na perpetuação e no desmantelamento do colonialismo (1998, p.54). Desse modo, Loomba, acrescenta que o pós-colonialismo não se caracteriza pelo que vem; “depois do colonialismo”, se entendermos pelo prefixo; pós a dimensão cronológica segundo a qual o que devemos ter em conta, predominante ou exclusivamente, é o que se segue ao pretérito, totalmente encerrado”. Devemos, sim, entender esse depois como uma temporalidade; “mas, tornando o termo mais flexível, assumindo-o também como a contestação da dominação colonial e as heranças do colonialismo” (ibid. p. 12).

De acordo com Achille Mbembe (2011), essa luta tem como finalidade “produzir a vida, derrubar as hierarquias instituídas por aqueles que se acostumaram a vencer sem ter razão, tendo a violência absoluta”. Por isso, essa luta tem uma dimensão tripla, na qual visa “destruir o que destrói, e depois, tem por função acolher o lamento e o grito do homem mutilado”, daqueles e daquelas que, “destituídos, foram condenados à abjeção; cuidar,

e eventualmente, curar aqueles e aquelas que o poder feriu, violou ou torturou ou, simplesmente, enlouqueceu”. E por último, tem como finalidade fazer irromper um sujeito humano inédito, que capaz de habitar o mundo e de “o partilhar de modo a que as possibilidades de comunicação e de reciprocidade, sem as quais não poderiam existir nem a dialética do reconhecimento, nem a linguagem humana, sejam restauradas, (p. 02).

Segundo Fanon citado por Mbembe (2011), este grandioso trabalho pode ser chamado de “saída da grande noite”, da “libertação”, do “renascimento”, da “restituição”, da “substituição”, do “surgimento”, da “emergência”, da “desordem absoluta” ou ainda “caminhar todo tempo, dia e noite”, de “erguer o homem novo”, de “encontrar uma outra coisa”, e de “forjar um sujeito humano novo emergindo inteiro da “argamassa do sangue e da cólera”, (p. 02). Enfim, para Fanon este sujeito quase-indefinível. Os textos de Fanon desvendam a extensão dos sofrimentos psíquicos causados pelo racismo e pela presença viva da loucura no sistema colonial. Ainda o autor acrescenta que este campo se desenvolveu em dois campos/momentos: “período do esquecimento ou da presença espectral e o período de ‘retorno’, onde a disseminação se produz a partir de um centro irradiante” (MBEMBE, 2011, p. 03). Sendo que, o primeiro desses centros é a África na era das práxis revolucionárias, das grandes lutas de emancipação que abalaram “os três primeiros quartéis do século XX, as lutas anticoloniais propriamente ditas, as lutas anti-imperialistas e a luta contra o apartheid” (*idem*).

No decurso da segunda metade do século XX, o apoio às lutas dos povos colonizados contra as potências europeias, a África tornou-se um dos laboratórios mais privilegiados da reflexão sobre a libertação nacional e os problemas da guerra revolucionária, isto é, as relações entre o nacionalismo, o pan-africanismo e o socialismo. Durante esse período, o pensamento revolucionário africano ganha o corpo em torno da ideia de uma África totalmente libertada, gozando assim de todas suas capacidades de autodeterminação, ou seja, uma África, cujo projeto é a luta pela descolonização europeia.

Em *Pele Negra Máscara Branca* (publicada em 1952), Fanon, analisa os mecanismos da linguagem, nas relações afetivas entre pessoas brancas e negras e entre outros aspectos, na qual ele demonstra como “a civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial” (FANON, 2008, p. 30).

Fanon ainda ressalta que dentro da sociedade o negro sofre um processo de alienação da sua própria existência, ou da sua personalidade e, é escondida atrás das cortinas do racismo e do colonialismo, que acaba por construir sujeitos subordinados. Fanon tenta veementemente no texto afirmar a ideia de liberdade do negro, e para tanto esses indivíduos tomam consciência da sua existência, e tentam compreender a dinâmica da libertação anticolonial. Assim, a universalidade de Fanon é inseparável da sua ideia da “africanidade”.

Conclusão

Samora Moisés Machel⁴, um dos dirigentes nacionalistas moçambicanos, sublinhava, ao refletir sobre a natureza do colonialismo em países africanos:

Não há nem nunca houve ou haverá colonialismo humano, colonialismo democrático, colonialismo que respeite os interesses do Povo. [...] O colonial-fascismo português, porque é sua natureza, comete os crimes mais bárbaros e imundos. (MACHEL, 1977. p.109)

⁴ Samora Moisés Machel foi um militar moçambicano, líder revolucionário de inspiração socialista, que liderou a Guerra da Independência de Moçambique e foi o primeiro presidente após a sua independência, de 1975 até à sua morte em 1986.

A busca da emancipação política traduziu-se num grito de revolta das massas africanas, onde o colonialismo e o imperialismo surgem como o inimigo principal, especialmente no que diz respeito à sua natureza inerentemente ilegítima e violenta; por isso, a descolonização se justifica na opção pela luta violenta como a única arma/solução para derrubar o colonialismo, quer dizer, um sistema violento.

De acordo com Eduardo Mondlane⁵ (1982), a libertação política nos países africanos implicava uma ruptura com as formas de exploração capitalistas presentes nessa sociedade desde o início do século XX, ao mesmo tempo fortificava as estratégias africanas de justiça social e de unidade nacional. Na medida em que a luta avançava também se procuravam alternativas emancipatórias sobre as propostas marxistas: “porque as condições de vida [nas colónias], o tipo do inimigo que nós temos, não admite qualquer outra alternativa” (p.121).

As propostas das epistemologias do Sul, conforme destaca Boaventura de Sousa Santos (2007), permite perceber que, apesar de o mundo ser múltiplo e variado, a modernidade eurocêntrica também procura impor uma forma de produção de conhecimento pautada pelo modelo “monolítico epistemológico” da ciência moderna, na qual protege os privilégios da relação “capitalismo-colonialismo”.

E com isso, podemos perceber que o colonialismo é um dos vetores estruturantes da modernidade eurocêntrica, sendo assim, apoiar a luta da libertação constitui uma das estratégias para descolonização.

Sueli Carneiro (2011) cita o poeta negro Aimé Césaire⁶, dizendo que “as duas maneiras de se perder são: por segregação, ou por diluição no universal”. Ainda de acordo com Carneiro (2001):

⁵ Eduardo Mondlane foi um dos fundadores e primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique, a organização que lutou pela independência de Moçambique contra o domínio colonial português.

⁶ Aimé Césaire foi um poeta, intelectual e político da Martinica, conhecido por sua obra Discurso sobre o colonialismo entre outras.

(...) a utopia que hoje perseguimos consiste em buscar um atalho entre a negritude redutora da dimensão humana e a universalidade ocidental hegemônica que anula a diversidade. Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e gênero. Esse é o sentido final dessa luta.

Vale ainda ressaltar que a autora também trabalha com o conceito de “epistemicídio”, cunhado pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos, para abordar a tentativa de apagamento dos saberes dos povos negros colonizados, por e serem eles parte do segmento mais oprimidos. Em vista dos argumentos apresentados, a independência dos países africanos nos anos 70, segundo Fanon, simboliza a possibilidade de pensar e agir politicamente de forma radical, sendo que, um dos objetivos da luta contra o colonialismo é de trazer muitas outras vozes silenciadas à história, de descolonizar a história contemporânea eurocêntrica.

Ricardo Aguielo Aquixinco Gomes Cá possui licenciatura em Letras-Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab, em 2018. Fez a formação de Técnicas de Hoteleiras pela Artissal, Quinhamel-Biombo, em 2011. Mestre e doutorando em Literatura, na área de Literatura, Cultura e Contemporaneidade, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO. Atualmente desenvolve a pesquisa “ESTADO-NAÇÃO, IDENTIDADES, MEMÓRIA E CULTURA GUINEENSE EM KIKIA MATCHO E MISTIDA”, tendo como orientador Professor Dr. Alexandre Montauray

Frantz Fanon: a violência colonial e a resistência intelectual a partir do documentário Concerning Violence

Baptista Coutinho do Departamento da Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RIO.

FINANCIAMENTO: Bolsista do Programa de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. Brasil.

REFERÊNCIAS:

BABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. [Links].

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo, ANPOCS, Ciências Sociais Hoje, 2. ANPOCS, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Isis Internacional, Santiago, v. IX, 1988.

FANON, Frantz. **Peles Negras Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008. Tradução de Renato da Silveira.

Machel, Samora M. (1977), **A vitória constrói-se, a vitória organiza-se**. Maputo: Departamento do Trabalho Ideológico da FRELIMO.

MBEMBE, Achile. **Necropolítica**. Espanha: Ed. Melusina, 2011.

MBEMBE, Achile. **A universalidade de Frantz Fanon**. Cidade do Cabo (África do Sul), 2 de setembro de 2011.

SENGHOR, Léopold Sedar. **La poésie de l'action**. Paris: Stock, 1980.

LARANJEIRAS, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**, U. Aberta, Lisboa, 1995.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/postcolonialism**, Routledge. London/New York, 1998.

OLSSON, Göran Hugo. **A respeito da violência (Concerning Violence)**. Suécia 2014, 85m. Disponível em: [violence-director-goran-hugo-olsson-on-depicting-revolution-and-knowing-his40ac423f8e22](https://www.youtube.com/watch?v=violence-director-goran-hugo-olsson-on-depicting-revolution-and-knowing-his40ac423f8e22)>. Acesso em: 28 ago. 2019.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 2007.

SOVIK, Liv. **Branquitude e Racialização: qual é o lugar de educação. Conferencia de abertura. Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**. ULBRA- Canoas, Rs, 25 a 27 de junho de 2019.